CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2176.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

COMO VIVO O AMOR NAS MINHAS RELAÇÕES FAMILIARES: UMA AUTOETNOGRAFIA

HOW I LIVE LOVE IN MY FAMILY RELATIONSHIPS: AN AUTOETHNOGRAPHY

Edvana Ferreira Santos[1]

[1]Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador. Email: edvanaferreirasantos@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0009-0006-4809-196X. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3662650123467218.

Recebido: 05/05/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: Este relato de experiência, de caráter autoetnográfico, analisa a vivência do amor e dos vínculos familiares a partir de uma trajetória pessoal marcada por perdas, resiliência e reconstruções. O objetivo é refletir sobre como o amor atua como base relacional e agente de transformação social, confrontando o cenário de "relações líquidas" da contemporaneidade. A metodologia imbrica a narrativa pessoal à interpretação teórica de autores como Donati, Bauman e bell hooks. Os resultados evidenciam que o amor, vivenciado como ação e compromisso, permite a superação de lutos profundos, como o causado pela pandemia de COVID-19, e fundamenta práticas educativas antirracistas e ancestrais. Conclui-se que a rede de cuidado familiar e a espiritualidade são pilares essenciais para a transcendência e o zelo comunitário.

Palavras-chave: Autoetnografia. Relações familiares. Amor. Resiliência. Educação antirracista.

ABSTRACT: This experience report, characterized as an autoethnography, analyzes the experience of love and family bonds through a personal trajectory marked by loss, resilience, and reconstruction. The objective is to reflect on how love acts as a relational basis and an agent of social transformation, confronting the contemporary scenario of "liquid relationships." The methodology intertwines personal narrative with the theoretical interpretation of authors such as Donati, Bauman, and bell hooks. The results show that love, experienced as action and commitment, allows for the overcoming of profound grief, such as that caused by the COVID-19 pandemic, and provides a foundation for anti-racist and ancestral educational practices. It is concluded that the family care network and spirituality are essential pillars for transcendence and community zeal.

Keywords: Autoethnography. Family relationships. Love. Resilience. Anti-racist education.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência, de natureza autoetnográfica, propõe uma reflexão sensível sobre a vivência do amor e a consolidação dos vínculos familiares ao longo de uma trajetória pessoal atravessada por legados ancestrais, perdas profundas e processos de reconstrução. A relevância deste estudo reside na compreensão do amor não apenas como um sentimento subjetivo, mas como

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

uma categoria analítica e ética capaz de confrontar a fluidez das "relações líquidas" descritas por Bauman e o vazio da sociedade contemporânea apontado por Lipovetsky.

O objetivo central desta escrita é analisar como o amor atua como base relacional e agente de transformação social e comunitária. Para tanto, a narrativa percorre a influência paterna na formação da identidade e independência feminina, os desafios do luto diante da pandemia de COVID-19 e a resiliência manifestada na constituição de novos arranjos familiares e práticas educativas antirracistas.

Metodologicamente, o trabalho imbrica a memória pessoal à fundamentação teórica de autores como Pierpaolo Donati, Zygmunt Bauman e Bell Hooks, compreendendo o amor como um "substantivo que deve ser vivenciado como verbo": uma ação contínua de cuidado, respeito e compromisso. Assim, busca-se situar o leitor em uma experiência em que a espiritualidade e a ancestralidade servem de bússolas para a transcendência e a resistência.

DESENVOLVIMENTO

Desde que me entendo por gente, fui cercada por um amor que me moldou, me nutre e me define. A primeira filha, a primeira neta, a primeira sobrinha...meu pai, um pilar de força e gentileza, um homem a frente do seu tempo que primava pelos estudos da mulher. Ele me mostrou o que era a defesa dos direitos e da igualdade da mulher incentivando-me a ser independente e a investir em minha educação. A visão de mundo dele era inspiradora: primava pela família e pelo amor. Valorizava os bens relacionais sociais e a ética entre as pessoas. Herdei dele isso. E cada um dos meus três irmãos herdaram todo esse legado do nosso pai sobre amor, ética e família.

Para além da semelhança física sinto no olhar e nas ações de cuidado e valorização comigo e com as suas esposas e filhos. Minha mãe, com a sabedoria, bom senso e imposição de limites, sim ela é assim até hoje (risos) regou essa semente com o incentivo aos estudos, me mostrando que o conhecimento seria a minha maior bússola. Até hoje ela é uma inspiração para mim pela maneira como vive intensamente a vida no auge dos seus 75 anos. Mesmo com a perda de painho em 2013 ela se reinventou e dedicando-se ao trabalho e as ações sociais da cidade em que vive. Temos uma relação que até

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522176, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2176 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

hoje sai faíscas..., mas com muito amor, respeito e admiração. Talvez não exista família perfeita, a minha não é, mas ela é a minha base.

Cresci e o amor, que até então eu conhecia em família, se transformou em algo novo. Casei-me, e por vinte anos, construí uma vida ao lado de um companheiro de alma. Juntos, vivemos, sonhamos e, acima de tudo, amamos. Desse amor, nasceu a Helen Luiza. O mundo se expandiu, e um tipo de amor que eu nunca tinha sentido, me preencheu. Na gravidez, a certeza de que meu coração havia se transformado para sempre. Com o nascimento dela, o amor se tornou infinito. Um amor que se renova e cresce a cada dia, a cada sorriso, a cada passo que ela dá. Tudo aquilo que eu condenava nas mães sobre o amor aos filhos eu vivencio com a minha filha (risos), sim é verdade que existe um amor que maior do que nós mesmas, já dizia Cazuza: “Só as mães são felizes”.

Então, a vida, na sua imprevisibilidade, me apresentou a maior de todas as dores. A COVID-19 levou meu esposo com 55 anos de idade. Minha filha tinha apenas seis anos. O amor que eu havia conhecido, me deixou sem chão. Naquele tempo eu pude constatar como o negacionismo, a falta de políticas públicas adequadas para o combate a uma pandemia e a ausência de empatia e cuidado com o povo de uma nação impactam diretamente na vida pessoal. Por um tempo, pensei que a dor me consumiria, mas a vida me ensinou que o coração tem uma força de resiliência que muitas vezes, nós não conhecemos.

Ela me pedia o pai dela de volta e eu não podia dar, pois essa é uma missão humanamente impossível ressuscitar alguém. Então o amor nos salvou. A família e os amigos foram fundamentais nesse período mudei de local de trabalho para poder dar mais atenção para ela e ficar mais perto. Acredito que o amor pode acalentar o vazio do luto e da perda de um ente querido. Não é fácil, e continuamos tentando com muito amor.

Redescobri a beleza de amar e ser amada novamente o amor. Meu atual esposo, um parceiro querido, me acolheu e, mais do que isso, me ajudou a reconstruir meu mundo. Encontramos uma reciprocidade que, juntos, cultivamos todos os dias. Uma troca de carinho, apoio e afeto que nos mostra que é possível recomeçar, mesmo após a maior das perdas. Que é possível o amor mesmo entre as pessoas com base relacional (Donati, 2011) e que valide a relação e a família. Um paradoxo numa sociedade do vazio (Lipovetsky, 2005) e de relações líquidas (Bauman, 2004). Tenho dois enteados que são como filhos para mim e

eles me tem como um referencial fraterno. Uma relação afetiva consolidada no respeito mútuo, tal como para bell hooks (2021) o amor é um substantivo que deve ser vivenciado como verbo, uma ação que envolve compromisso, cuidado e respeito.

A minha espiritualidade é o meu porto seguro. Eu sinto a necessidade de transcender. Uma conexão com o Divino, que não se explica, se sente. Essa conexão com a minha ancestralidade, me guia fazendo-me refletir nas minhas ações e palavras com o outro e comigo mesma. Eu entendo que o amor é para além do sentimento individual ele pode ser um agente de transformação social e de zelo comunitário, nesse contexto, busco exercer uma educação antirracista, para que as crianças possam conhecer e honrar suas histórias, suas verdadeiras histórias, aquelas não contadas nos livros didáticos, a versão não eurocêntrica do conhecimento.... Porque a minha própria história, é a história de muitas mulheres que vieram antes de mim. É um legado de amor, resistência e fé.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DONATI, Pierpaolo. **A teoria relacional da sociedade**. São Paulo: Instituto de Ciências Sociais, 2011.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Diana Léia Alencar (orgs.). **Teoria e Prática da Autoetnografia à Deriva**. Curitiba: CRV, 2025. DOI: https://doi.org/10.24824/978652518105.9